Há uma menina, “morando” no meu coração[1]: memórias, fotografias e campo

There is a girls, “living” in my heart and in the field: memories, photographs and field

Rafaela Rodrigues de Paula[2]
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
depaularafaelar@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1978-2199/

Recebido em: 30 de junho de 2024
Aceito em: 30 de julho de 2024

[1] Versos adaptados da música original *Bola de meia, Bola de Gude* (1988) de Milton Nascimento.
[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais. PPGAn-UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Resumo
O trabalho discute o uso de fotografias pessoais como ferramentas para acionar memórias em campo, e ambas memórias e fotografias como recursos etnográficos de pesquisa. Realizando pesquisa com trabalhadoras domésticas, entre essas minha mãe, eu, autora, fui perpassada por memórias como "filha da empregada", as quais me encaminharam ao meu acervo pessoal de fotografias, especialmente da infância. Assim, a partir da discussão sobre espaços geográficos como acionadores de memórias e da abordagem das *fotobiografias* (Bruno, 2009) apresenta-se as minhas fotos de infância na casa da patroa de minha mãe, bem como as memórias suscitadas por essas na realização da pesquisa. Discutindo assim como fotografias e memórias se complementavam, produzindo narrativas sobre o cotidiano do trabalho doméstico e da filha, criança negra, que acompanhava a mãe no trabalho. Tensionando assim, as relações raciais e interseccionais presentes nas fotografias e memórias, e como essas possibilitaram a coexistência de processos de afetações, experiência e posicionalidade na pesquisa etnográfica.
Palavras Chave: Campo. Fotografias. Infância. Memórias.

Abstract
The article discusses the use of personal photographs as tools to trigger memories in the field, and both memories and photographs as ethnographic research resources. Carrying out research with domestic workers, including my mother, myself, the author, I was struck by memories as "the maid's daughter", which led me to my personal collection of photographs, especially from childhood. Thus, based on the discussion on geographic spaces as triggers of memories and the approach of *fotobiografias*(Bruno, 2009), my childhood photos at my mother's employer's house are presented, as well as the memories raised by these when carrying out the research. . Discussing how photographs and memories complemented each other, producing narratives about daily domestic work and the daughter, a black child, who accompanied her mother at work. Thus, tensioning the racial and intersectional relations present in photographs and memories, and how these enabled the coexistence of processes of affectation, experience and positionality in ethnographic research.
Keywords: Field. Photographs. Infancy. Memoirs.

Introdução



Figura 01:- Varanda. Fonte: Arquivo de fotografias pessoais da autora, 2003.

Essa sou eu, Rafaela Rodrigues de Paula, posando para uma foto, com os meus quatro anos de idade, uma menina negra, chamada por todas/os de Rafa, com o sorriso tímido, mãos na cintura, os pés juntos e com meus cabelos cacheados presos por uma trança única feita por minha mãe, Luzia. Estou na varanda do quarto da antiga empregadora dela, dona Helena, no bairro Dona Sinhaninha na cidade de Oliveira-Minas Gerais. A foto original é uma *polaroid* e eu estava sendo fotografada por um dos filhos dessa patroa, recordo que ele morava nos Estados Unidos e sempre chegava para as festas de fins de anos com máquinas fotográficas, em especial essa que me fascinava, por pensar no mistério da foto sendo revelada na hora.

Não me recordo qual era a situação em que essa foto foi tirada, mas faço conjecturas dos motivos da escolha do espaço da varanda. Esse era um dos meus espaços preferidos da casa, tinha uma grade desenhada, uma mesa de ferro pintada de branco no centro, algumas cadeiras em volta e vasos de flores nos cantos, era uma extensão do quarto dessa patroa de minha mãe. Todos os dias cedo, minha mãe arrumava a enorme cama que essa senhora tinha, e eu ia junto para ficar sentada nessa varanda com minhas fantasias, imagino assim então, que a ideia do espaço da foto pode ter sido minha. Essa fotografia suscitou em mim, essas e outras memórias de infância, que antes foram vivências dessa menina negra que fui, que acompanhando a mãe no

trabalho dela, convivia com os donos da casa, empregadores de minha mãe, ocupando a posição de uma criança "quase da família".

Depois de dezoito anos (ou quase isso) algumas dessas memórias também se fizeram presentes durante a realização do campo e escrita da minha dissertação, a qual foi defendida em janeiro de 2024, intitulada *DA VIDA-MEMÓRIAS DE MINHA MÃE: contranarrativas autodefinidas de trabalhadoras domésticas racializadas do Dona Sinhaninha, Oliveira-MG* (2024). Tal pesquisa teve como foco investigar as narrativas e trajetórias de três trabalhadoras domésticas, entre elas minha mãe Luzia, uma mulher negra, de 58 anos, baixa, de cabelos curtos crespos alisados, que é trabalhadora doméstica desde os 12 anos de idade. Nascida na cidade de Carmo da Mata-MG, aos doze mudou-se para Oliveira-MG com o sonho de continuar os estudos, o qual não realizado, ela começou a realizar trabalhos domésticos de babá e ajudante de cozinha. Desde a sua chegada em Oliveira na casa de sua madrinha, somando-se assim quarenta e cinco anos de trabalho doméstico, com vinte e cinco remunerados, nesses anos trabalhou em apenas duas casas, ambas situadas no bairro Dona Sinhaninha na cidade de Oliveira, Minas Gerais.

A primeira casa é dessa madrinha, Dona Lilita, minha mãe ficou lá 12 aos 33 anos, e depois retornou a trabalhar a essa casa aos 43 anos. Nesse intervalo trabalhou durante nove anos na casa de dona Helena (casa da foto acima), e nesta última é que tenho mais lembranças de conviver e acompanhar minha mãe. Nada coincidente, tal intervalo compreende a época da descoberta de gravidez de minha mãe, a qual ela atribui sua demissão da casa da madrinha dela, eu nasci em outubro de 1999, e logo em fevereiro de 2000 minha mãe começou a trabalhar na casa de dona Helena, ficando lá até 2009, e nesse tempo eu a acompanhava quase todos os dias.

As memórias desses anos sendo a criança que acompanha a mãe no trabalho, ocuparam um grande espaço nos meus dias de campo na cidade de Oliveira-MG, realizando uma etnografia em casa (Damásio, 2020) na minha cidade natal e principalmente trabalhando com tal temática do trabalho doméstico. Nesse processo, entendi como as minhas fotografias pessoais funcionaram como ferramentas para acionar as memórias em campo, bem como para complementá-las. E como memórias e fotografias poderiam ser utilizadas como recursos etnográficos da minha pesquisa. Dessa maneira proponho neste texto que é uma extensão das reflexões realizadas na minha dissertação (2024), a apresentação das minhas fotografias da infância, os relatos etnográficos e memorísticos, e articulo as potencialidades dos usos das minhas

fotografias pessoais, as quais acompanhadas de memórias possibilitaram a realização da minha pesquisa, com minha própria mãe, envolvendo assim afetos, experiência e posicionalidade de pesquisa.

Ser filha da empregada

Focada então, em pesquisar as trabalhadoras domésticas do bairro Dona Sinhaninha, no segundo semestre de 2022, me focando apenas em explorar possíveis nomes de trabalhadoras, já no início do ano de 2023, março, resolvi que precisava, como parte do campo, andar pelo bairro[3]. Ao andar pelas ruas do bairro, na manhã de uma sexta-feira, aproveitava o sol do início do dia que esquentava meus braços como um abraço acalentando uma oliveirense de camiseta curta, que esqueceu o ventinho frio que carregavam as manhãs da cidade.

Estava eu, anos depois, na rua da casa da figura 1 acima, Rua José Pinto de Carvalho, tudo estava muito parecido ao que sempre me recordava, as cores e disposições das casas. Por ser localizada bem escondidinha e ser apenas residencial, após a demissão de minha mãe frequentei pouquíssimas vezes tal rua, mesmo assim tive um *insight* em perceber que é um local sempre presente em meus sonhos e pesadelos. O que tornou impossível não vir à lembrança o passado da minha criança, a menina que antes de completar um ano de idade já acompanhava a mãe ao trabalho doméstico. E desabei em choro.

A atriz negra estadunidense, Viola Davis, na autobiografia *Em busca de mim* (2023), relata uma conversa com o ator Will Smith, no qual o ator a interrogou "- Viola, quem é você?" (Davis, 2023, p.16) e ela, sem muito entender, diz: "- Como, assim? Essa sou eu" (Davis, 2023, p.16), mas Smith refez novamente a pergunta, o colocando como exemplo, diz ele: "- Olha eu sempre vou ser o garoto de 15 anos que levou um pé na bunda da namorada. Sempre serei esse garoto. Então, quem é você?" (Davis, 2023, p.16). E Viola Davis, responde: "-Sou a garotinha que corria para casa todo dia no terceiro ano porque uns garotos me odiavam por eu… não ser bonita. Por eu ser… negra" (Davis, 2023, p.16). Em seguida Davis (Davis, 2023, p.17) complementa como essa memória se enraizou nela e espalhou por toda sua existência, afirmando: "Memórias são imortais, imperecíveis e precisas. Têm o poder de dar alegria e perspectiva em tempos difíceis. Ou podem sufocar" (Davis, 2023, p. 16).

[3] A ideia de andar pelo bairro tinha como intenção realizar, a princípio, um relato sobre a dinâmica dele, e identificar outras trabalhadoras domésticas negras do bairro, que pudessem ser possíveis interlocutoras.

Se como Viola, eu fosse interrogada naquele momento de pesquisa “Quem é você Rafaela?”, a resposta sem dúvidas seria “sou a Rafa, a filha da empregada”. Nesse dia, que retornei a tal rua do bairro Dona Sinhaninha, cheguei à casa de minha mãe anestesiada com tantas memórias e os seus “pesos”, chorava sem muito entender o porquê, escrevi grande parte desse relato no meu diário de campo aos prantos, era um misto de sensações, sentimentos, de memórias dolorosas e outras não, como as experiências relatadas no diário de campo.

> Essa é uma rua que ao andar percebi que está sempre presente em meus pesadelos, não é recorrente sonhar que estou nessa rua, mas é recorrente os pesadelos acontecerem e eu estar lá. Na frente desse portão elétrico, que lembro que achava incrível ele abrir em direção vertical, e não correr nas direções horizontais como a maioria, aquele portão azul e branco está marcado na minha memória. Aiai, traumas coloniais, terapia! [risos] (...) nessa casa era apenas um casal de idosos, mas na mesma rua era a casa da filha deles, que é casada e tem dois filhos, com a filha mais velha eu convivi demais. Lembro que a casa tinha dois andares e no andar de baixo que era a lavanderia, um quarto que tinha uma mesa de passar roupa enorme de madeira, que eu fazia meus deveres da escola, e que brincava de ser professora com alunos invisíveis ou boneca, e acredito realmente na potencialidade dessas brincadeiras para o meus estudos, na casa tinha livros e eu pegava, brincando de fazer ditado, brincando de dar aula, pra mim é muito dolorido escrever isso e não chorar (Diário de campo, março-2023).

Como exposto no relato acima, diferente de muitas vezes o diário de campo ocupar o tal lugar de “um primo” que “só aparece quando é chamado, quase sempre como instrumento de coleta de materiais etnográficos, mas menos como objeto de análise” (Cachado, 2021, p.551), na minha pesquisa o diário funcionou para além de um espaço de registros de pesquisa, mas também como um espaço de desabafo para tantas emoções e memórias suscitadas, e por isso também como um material que precisava ser relatado na íntegra com as emoções, e escritas feitas naquele momento e não transcritas e reescritas para o corpo geral o texto.

E após a escrita do diário, parte relatada acima que funcionou como um desabafo daqueles mistos de sentimentos que estava sentindo, lembrei da minha caixa preta de retratos que ficava em cima do meu guarda-roupa em Oliveira, com os acervos de álbuns da minha família e comecei a “fuçar” em busca de registros da minha presença neste bairro na infância, encontrei alguns registros, um deles, a foto que abre este texto. Encontrar as minhas fotografias de infância, e observar os espaços da casa em que minha mãe trabalhou por noves anos como trabalhadora doméstica e nos quais eu a

acompanhava, funcionou para mim como um complemento às memórias que surgiram no campo.

Como articulou Joon Ho Kim (1995) a fotografia:

"é um fragmento congelado, a princípio imutável, do passado, mas sempre estará subordinado às apropriações e ressignificações que refletem a interpretação que as pessoas têm ou desejam ter das suas próprias vidas em um dado momento" (Ho Kim, 1995, p.230). Rever cada uma das fotos acionava recordações antes nunca pensadas sobre a minha infância, bem como passaram a auxiliar as compreensões das memórias e sentimentos que estavam ali me perpassando após andar naquele momento pelas ruas do bairro Dona Sinhaninha, agora num contexto de pesquisa.

A antropóloga Janet Carsten (2007) ao refletir sobre as conexões existentes entre memória, parentesco e os "pesos" dessas memórias, articula a importância do espaço físico, de locais específicos como espaços nos quais as memórias e as relações estão ancoradas. Ao estar nessa rua exatamente, que foi outrora um lugar muito frequentado por mim, olhar cada pedacinho dessa rua em específico "ressuscitou" muitas memórias de infâncias, e como aponta Carsten (2007), as memórias podem trazer uma sobrecarga excessiva para quem as ativa, as quais, atreladas às fotografias, me faziam retornar ao espaço da casa de dona Helena.

Como articula Andrea Barbosa (2016) as fotografias constroem lugares, "quando fotografamos um espaço vivido, a fotografia pode também agir produzindo um lugar"(Barbosa, 2016, p.191) que torna possível a aliança entre a memória e imaginação. As fotos me faziam voltar o meu olhar para o meu passado e compreender um pouco melhor sobre mim no presente, inclusive as motivações que me faziam estar ali pesquisando. O uso das fotografias, como suporte complementar às minhas memórias, essas, mesmo que com falhas, na escrita me auxiliam a localizar inicialmente na pesquisa. Essas fotografias carregam histórias e memórias que tornaram possíveis a minha trajetória de vida até o momento da realização da pesquisa, e serviram aqui como minhas *foto*biografias (Bruno, 2009).

*Foto*biografia, é uma abordagem estética metodológica proposta pela antropóloga Fabiana Bruno, a partir de sua tese (2009) pesquisando com pessoas idosas, ela realizou um exercício no qual seus interlocutores selecionavam fotografias pessoais e a partir delas traçavam narrativas biográficas de suas próprias trajetórias. Bruno (2012) então compreendeu que as fotos funcionavam como uma "imagem-memória" (Bruno, 2012, p.91), pensando a imagem como um "acontecimento" marcado pelo

cruzamento do visual e verbal. Este "acontecimento" que Bruno (2012) atribui às fotos, é o extrapolar da mera descrição daquela imagem, é adicionar a ela uma instância verbal que rememora tanto a situação presente na imagem (descrições e circunstâncias em que a foto foi tirada), como também suscita memórias outras que não estão expressas naquela imagem, mas que a mesma evoca e que juntos conseguem trazer elementos das trajetórias de vida.

Ainda que não pensando nesta abordagem metodológica Andrea Barbosa (2016), em semelhante reflexão sobre uso de fotografias, articula que:

> Ao nos debruçarmos sobre uma fotografia, podemos nos encaminhar para outras direções que não a da sua face visível mais imediata. Podemos mergulhar em outras camas, outras profundidades, ao encontro de outras imagens nos diria Etiene Samain. Para pensar a imagem, é preciso situá-la no sistema ao qual ela está conectada: o nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, seu autor, seu observador ou espectador, num tempo histórico e a-histórico. É preciso abrir-se às ideações ou fabulações que as imagens podem nos suscitar (Barbosa, 2016, p.198).

E a abordagem metodológica das foto*biografias*, me permitia um pouco desse explorar a mais das fotografias, que contam um pouco da minha trajetória como filha de uma trabalhadora doméstica, mas também da relação pesquisadora antropóloga, com meu tema de pesquisa que é o trabalho doméstico.

Mateus Bonez (2018), também utilizou tal abordagem, pesquisando trabalhadoras domésticas sindicalizadas de Pelotas-RS, ele solicitou a elas que selecionassem fotografias pessoais, e a partir da seleção e organização das *foto*biografias pensadas como esse "acontecimento" proposto por Bruno (2009), Bonez (2018) articulou como essas estavam carregadas de narrativas autobiográficas das histórias de vida não só dessas mulheres, como do próprio sindicato. E é parte deste exercício[4], que realizei com minhas fotografias de infância, compartilho nesta seção as minhas imagens-memórias (Bruno, 2012).

Assim, selecionei além da figura 1, na introdução, mais três fotos, que são todas na mesma casa, que foi o lugar em que mais tempo estive com minha mãe e que guardam memórias que considero importantes para mostrar a minha trajetória de relação com trabalhadoras domésticas.

[4] Nesta pesquisa, empreendi apenas parte do exercício, uma vez que a abordagem metodológica proposta por Fabiana Bruno (2009), se estende posteriormente na confecção de pranchas fotográficas, e no presente manuscrito tal confecção não foi realizada.



Figura 2 - Sala: Fonte: Arquivo de fotografias pessoais da autora, 2001.

Essa sou eu, com dois anos, com a mamadeira na boca, posando perto dos presentes de natal, no dia da ceia/festa na casa de dona Helena, no bairro Dona Sinhaninha. Minha mãe contou que era um costume entre os moradores da casa e parentes deles me levarem para sala, tiravam fotos, ficavam me pajeando enquanto minha mãe realizava seu trabalho na cozinha. Como já mencionado, nasci no final do ano de 1999 (outubro), e minha mãe começou a trabalhar na casa de dona Helena no final da licença maternidade, no início dos anos 2000. Nessa casa ela trabalhou até 2009, nesses nove anos, metade eu a acompanhava apenas aos finais de semana e feriados, quando a creche municipal, Pé de Manacá, que eu frequentava estava fechada, depois houve uma infestação de piolhos em tal creche, minha mãe me retirou e passei a acompanhá-la todos os dias no contraturno do meu horário escolar, estando em um contato maior e diário com esta casa em que ela trabalhava.

A minha rotina com minha mãe era marcada por acordar muito cedo, arrumar a minha mochilinha laranja da Barbie com alguma roupa para troca e um brinquedo, tínhamos que fazer quinze minutos de caminhada até chegar nessa casa, lembro que nesse trajeto até o bairro Dona Sinhaninha era onde encontrávamos com outras

trabalhadoras domésticas (faxineiras, cozinheiras, cuidadoras e babás) muitas eram amigas de minha mãe, que estavam também a caminho dos seus trabalhos, nomes marcantes como Didi (Arminda), Candinha (Cândida), Keyla, Lázara, Luca (Maria Lúcia), Solange e Sônia são alguns dos nomes/apelidos que recordo de encontrar. Minha mãe chegava antes dos donos da casa acordarem para fazer o café da manhã.

Nessa casa morava apenas um casal de idosos, dona Helena e o marido, que insistiam para que eu os chamasse de vovó e vovô, e eu por muito tempo assim o fiz, junto com eles havia o cachorro de estimação Jade.



Figura 3- Varanda 02. Fonte: Arquivo de fotografias pessoais da autora, 2006.

Essa sou eu, um pouco mais velha, com o Jade, o cachorro *poodle* do casal, na mesma varanda da foto que abre a presente seção, Jade era muito bravo e quanto mais velho, mais bravo ficava, odiava que tocassem nas coisas de dona Helena, minha mãe algumas vezes precisava prendê-lo nessa varanda para arrumar as coisas de dona Helena, porque caso contrário, Jade avançava.

Em todas as fotos, estou dentro da casa de dona Helena. Como minha mãe trabalhou nesta casa por nove anos, ao longo das fotos percebe-se as diferenças, não apenas do meu amadurecimento, fotos onde estou com dois anos (Figuras 2), e outras que estou com 7 (Figuras 1, 3 e 4), como também mudanças da própria casa. Na Figura 2, percebe-se pela foto o chão da casa de tábua corrida, embora esta não seja a memória mais viva que tenho da casa, lembro do piso muito branco, exceto o da cozinha que era um piso marrom. A casa tinha dois andares, na parte de cima eram os quartos com suítes, salas, cozinha e garagem. A sala logo na entrada era muito grande, com dois

sofás azuis escuro, que eu achava desconfortáveis, preferia a poltrona da sala de jantar, que tinha uma mesa grande no centro de madeira, um órgão ao fundo (que estou sentada de frente na Figura 05), ao lado uma fonte de água, estilo cascata, de pedra, um armário de madeira, ao lado uma mesa com telefone fixo da casa e essa poltrona que eu achava confortável.

Ainda na parte de cima, existiam os três quartos, a suíte principal do casal, esta que tinha a varanda, na qual estou presente nas Figuras 01 e 03, o quarto ao lado deles que era nomeado "quarto de visitas", onde os filhos do casal que morassem em outras cidades ficavam quando iam visitá-los, um banheiro social, e mais um quarto que tinha uma cama de solteiro e era mais um quarto de estudo e oração de dona Helena que era uma liderança espírita da cidade. Por último, tinha a cozinha, que era grande, com uma mesa de ferro, fogão, armários e que tinha acesso para escada que direcionava a parte de baixo da casa, que era a "famosa" área de serviço com a lavanderia, horta, um banheiro (que eu, minha mãe e a faxineira frequentávamos) e um quarto de passar roupa.

Eu chegava e já ia para esse quarto, que tinha a mesa de passar roupa, uma estante com muitos livros velhos e uma mesa enorme, nesse espaço eu fazia as atividades da escola como relatei acima. Dona Helena, era uma idosa carinhosa comigo, ao mesmo tempo que sempre me passava a imagem de brava, em casa ela lia muito, tocava piano, ia pro jardim, rezava e eu gostava de ficar a observando nessas atividades.



Figura 4 -Sala 02. Fonte: Arquivo de fotografias pessoais da autora, 2006.

Essa sou eu, um pouco mais velha na sala da casa de dona Helena, posando com meus dois "dedinhos" indicadores tocando no instrumento musical dela, um órgão[5]. Ela tocava poucas vezes, mas recordo de sentar nessa poltrona no fundo da foto algumas vezes para ouvi-la. Na mesma rua, morava a filha mais nova do casal, casada, e que pouco tempo depois da entrada da minha mãe teve uma filha, e com essa criança que eu tenho a memória forte de conviver, marcada pela sequência de espera-la acordar, para me direcionar para a casa dela para brincar. Ouvia o telefone da casa tocando e poucos segundos depois minha mãe gritava do alto de uma escada verde: "Rafa, a criança já acordou, pode ir brincar", e lá ia eu brincar o dia todo, quando não tinha escola, até o horário que minha mãe ligava para avisar que já tinha terminado a jornada de trabalho dela para gente ir embora.

Em meio a essas memórias me recordo de um episódio no qual a criança insistiu que eu dormisse na casa dela, lembro de não querer muito, mas a mãe dela (filha da dona Helena), também insistiu muito, argumentando com artifícios de que dormir aquela noite lá ia ser tudo muito divertido, minha mãe na época também incentivou muito. Pois bem, fui dormir nessa casa, era um final de semana, as trabalhadoras domésticas dessa casa (cozinheira, babá e faxineira) todas já tinham ido embora (não trabalhavam no sábado à noite). Foi chegando à noite, na hora do jantar, recordo de ir percebendo aquela casa muito grande, o bairro silencioso, era apenas eu, a criança e os pais dela sentados numa mesa na sala de jantar enorme, lembro de apenas começar a chorar pedindo para ir embora.

Ao escrever o relato dessa noite, penso ironicamente que essa cena facilmente me lembra um pouco a história do personagem Chris do filme de terror *Corra!* (2017)[6] de Jordan Peele: eu, criança negra convidada para estar numa casa de uma família que só tinha pessoas brancas ricas, nem os empregados negros que ali trabalhavam estavam lá naquela noite. Inclusive, com suas semelhanças de resgate final em segurança, Chris foi salvo pelo amigo, no meu caso os pais das crianças me levaram de volta para casa,

[5] Pensava que tal instrumento era um piano, no entanto ao exibir tais fotos para estudantes e professores, um deles músico, me alertou que pelas dimensões do instrumento apresentadas nas fotos, é um órgão.

[6] O longa-metragem conta a viagem de Chris um fotógrafo negro que irá conhecer os pais de Rose, sua namorada caucasiana. O suspense se prolonga na visita na casa dos sogros do fotógrafo, o qual vai percebendo situações estranhas, entre elas que ele, os empregados daquela família e um outro convidado eram as únicas pessoas negras presentes na casa, rodeados por pessoas brancas, sendo que essas outras pessoas negras tinham um comportamento muito estranho. Desconfiado, o fotógrafo descobre o plano perturbador que estava envolta de sua visita e do comportamento dessas outras pessoas negras da casa, e percebe que precisa fugir daquele lugar. Sinopse, trailer, e resumos com mais detalhes estão disponíveis: (https://www.culturagenial.com/filme-corra-resumo-e-interpretacao/) .

mas diferente do personagem eu não tenho nenhuma recordação de nenhum tratamento estranho naquela noite por nenhum deles, mas tenho a nítida compreensão do incômodo de uma criança que estava se sentindo fora do meu espaço seguro, “fora do meu lugar”.

Este “fora do meu lugar” compreendo para além da mera exclusão, de que não poderia estar naquele lugar e desfrutar dos caprichos e farturas que estavam sendo servidos, pelo contrário, desfrutei de muitos, mas é a noção que a minha criança expressou através do medo/choro, que ficar apenas com aquelas pessoas naquele dia e horário não era “seguro”, sendo que em horários outros eu gostava muito de ir pra lá. E percebo tal incômodo, como um mínimo entendimento que eu tinha como “uma criança forasteira” (Collins, 2016) de que mesmo desfrutando daquela fartura de dentro da casa dos empregadores, ocupando como demonstrados nas Figuras 1, 2, 3, e 4 outros espaços da casa, além da cozinha, ainda continuava a “filha da empregada”, que era “QUASE da família”, que por mais que participasse das festas da família rica, ganhasse os presentes, a minha mãe ainda estava na cozinha, que eu desfrutava dos passeios em viagens, mas que minha mãe na verdade estava em trabalho e não podia ir em nenhum desses passeios comigo, pois estava aprisionada por horas na realização de grandes refeições.

E esse entendimento, parte inclusive ao observar as ausências das fotos acima. A comunicadora Glaura Cardoso (2018) analisando os filmes *Travessia* (Safira Moreira, 2017) e *Inconfissões* (Ana Galiza, 2017) ambos que usam fotografias de pessoas negras como enredo principal, Cardoso (2018) discute sobre o “múltiplo da fotografia”, tendo essa o poder de "reinscrever a imagem pela/na palavra” (Cardoso, 2018, p.187), de "reconfigurar o universo afetivo” (Cardoso, 2018, p.188) e de narrar registros inclusive pelas ausências. E tensiono duas ausências, a de minha mãe nas fotos, e de não ter fotos na cozinha. Era muito difícil eu estar na casa e celebrações de dona Helena sem minha mãe, eu era a acompanhante dela, as fotos acima são eu no espaço de trabalho dela, no entanto tais fotos demonstram que somente eu, em sua maioria, explorava[7] outros espaços para além da cozinha.

Todas essas memórias carregam sentimentos paradoxais, misturas de alegrias e tristezas. A forte lembrança de brincar quase todos os dias com uma criança rica que colocou à minha disposição brinquedos caros, festas de aniversário, piqueniques e passeios, tudo regado de muita fartura, mas que com as reflexões de uma mulher adulta

[7] Utilizo o explorar, no sentido de alguém que percorreu, conheceu, e desfrutou de cada um desses espaços da casa. É óbvio que minha mãe, perpassava esses espaços durante a realização do trabalho dela na casa, mas ela não sentava no sofá da sala para assistir televisão como eu fazia, ou mesmo tocou no piano/órgão, como faço brincando na figura 04, exceto em momentos de limpeza.

percebo que não era a babá dessa criança, a qual tinha uma babá que nos acompanhava sempre, mas é a de que eu era quase parte do grande acervo de "brinquedos" que ela tinha.

As alegrias de perceber as oportunidades de estudo que tive, como ter estudado numa escola estadual do centro da cidade que era referência, e que só consegui vaga porque minha mãe trabalhava nessa casa, ou os anos de aulas de inglês que dona Helena pagou para mim, são misturadas por perceber ausências de minha mãe, o cansaço dela em voltar para casa, ou a lembrança forte da vez em que ela, no caminho do trabalho, machucou o pé num buraco na rua e precisou servir um almoço de aniversário na casa de dona Helena, mancando e com uma bengala para auxiliá-la.

Como bem aponta Eduardo Cañizal (2012), as fotografias podem funcionar como "assombrografias", carregando algo de assombroso e mágico ao mesmo tempo. Cañizal (2012) realiza uma reflexão pensando o paralelo entre a caixa preta da máquina fotográfica e a caixa preta psíquica como essas duas caixas que têm o "desejo de conservar intactos os componentes não assimilados para mais tarde tornar possível sua assimilação" (Cañizal, 2012, p.108), estar de novo no bairro Dona Sinhaninha em campo, voltando meu olhar para essa pesquisa, o rever dessas fotos de infância despertaram sentimentos e memórias sobre os quais só são possíveis a minha assimilação no agora, outros que só serão possíveis no futuro, assombros de infância marcada por essas realizações, tristezas, alegrias e ausências, e talvez por isso o choro não compreendido relatado no início desta seção.

Grada Kilomba (2019) trata um pouco dessas incompreensões dos mistos de sentimentos, ao tratar do "choque violento" após assimilação das situações experienciadas, particularmente quando são experiências de racismo. Kilomba (2019) articula como a experiência do racismo cotidiano é traumática e explora três diferentes categorias de trauma, são essas a de choque violento, a separação e a temporalidade. E nesta última que compreendo as experiências dessas memórias que estavam me perpassando, segundo Kilomba (2019, p.216) "a ideia de temporalidade, na qual um evento violento que ocorreu em algum momento do passado é vivenciado no presente e vice-versa" mesmo que eu não estivesse naquela mesma situação do passado, estar no local, rememorar as vivências dessas pequenas violências diárias, como aponta Kilomba (2019) sobre tal categoria, afetaram a minha organização psicológica, trazendo o choro das lembranças.

No entanto, como já apontado anteriormente não trago nestas laudas iniciais tais memórias apenas para rememorar essas vivências doloridas da minha infância e do trabalho da minha mãe, as trago aqui para dar a elas novos significados. Conforme indica Carsten (2007, p.16) os pesos das memórias podem tanto levar à fuga delas, como podem envolver processos criativos de reconstituição do passado, bem como de renovação do presente. Dessa maneira, trago essas memórias, ainda que resumidas, para expressar qual é a menina que mora no meu coração, e que se fez presente e tornou possível toda construção da minha pesquisa, desde o projeto até a presente escrita. E que toda vez que eu na posição de mestranda "balançava" pensando que não fosse conseguir realizar o mestrado, a memória dessa menina vinha e me "dava a mão" a prosseguir.

Rafa-filha, criança, posicionalidade

"Acredito que as imagens são interessantes não apenas porque podem evidenciar o significativo, mas porque podem tornar o significativo visível" (Barbosa, 2016, p.196).

Tais fotografias e memórias passaram a compor minha pesquisa, como parte da expressão da minha posicionalidade, são materiais etnográficos que serviram como reflexão, tornaram visível a minha trajetória de interesse e relação com o trabalho doméstico e com as trabalhadoras. De semelhante maneira tal como outras/os pesquisadoras/es nas áreas das ciências sociais, especificamente na sociologia e antropologia ressaltaram, o interesse nesse grupo, seja por vínculos a luta política por dimensões trabalhistas (Bernardino-Costa, 2007; Fraga, 2010; Bonez, 2018) e/ou lutas feministas (Monticelli, 2013; Pinheiro, 2021), ou como outras/os que ressaltaram as outras vinculações com o trabalho doméstico como Suely Kofes (2001) ao afirmar pertencendo ao "mundo das patroas" (Kofes, 2001, p.52), Jurema Brites (2000) que também relatou a posição que ocupava de patroa, Nanah Vieira (2014) o interesse em pesquisar babás pela posição de investigadora e mãe, ou como Tais Machado (2021) do interesse vinculado a pesquisar cozinheiras negras também por ser "neta de uma copeira e cozinheira" (Machado, 2021, p.20).

Assim, afirmo que meu interesse em pesquisar trabalhadoras domésticas, está ligado ao que vi, ouvi e vivi desde a minha infância com a minha mãe e outras trabalhadoras domésticas, podemos dizer a um saber situado (Haraway, 1995) dessa

experiência está ligado às reelaborações dessas memórias a partir dos meus estudos, contato com a intelectualidade negra, e só é possível porque tenho presente e viva essa criança negra no meu coração. Carrego na minha trajetória um pouco da história de Miguel Otávio Santana da Silva[8], de 5 anos, que também acompanhava a mãe trabalhadora doméstica Mirtes Renata Souza, mas que, infelizmente, essa criança não está viva para poder também, se assim quisesse, contar a história dele. Uma trajetória que compõe parte da luta das/os filhas/os das trabalhadoras domésticas que lançaram manifesto[9] na pandemia, pelo direito de quarentena das mães.

Em entrevista dada no ano de 2021 às pesquisadoras brasileiras, a antropóloga indiana Veena Das ao ser interrogada sobre essas relações possíveis entre trabalhos antropológicos, biografias e autobiografias, responde:

> Por isso, eu acredito que, quando eu digo que existe um caminho em que autobiografia, etnografia e biografia se entrelaçam, a questão é que a escrita antropológica é também produzida dentro de uma forma de vida, pensar não é algo que acontece fora de uma forma de vida. Você está escrevendo em resposta a um problema que se apresenta a você a partir do mundo que você habita (Veena Das apud, Sarti, C.; Pierobon, C.; Ferreira, L.; Das, V.; Vianna, A.; Gambarotto, B, 2022, p.24).

Tal fala de Veena Das (2022) é extremamente inspiradora e nos encaminha a reflexões maiores enquanto pesquisadoras/es: de que maneira os nossos problemas de pesquisa se apresentam a nós a partir do lugar que estamos? Na presente pesquisa que apresento, é impossível deslocar meu problema de pesquisa da minha autobiografia, como afirma Veena Das (2022) "tenho do caminho que percorro, o sentimento de que meu pensamento está se desdobrando a partir de minha vida, o que inclui a vida de muitos outros" (Sarti, C.; Pierobon, C.; Ferreira, L.; Das, V.; Vianna, A.; Gambarotto, B, 2022, p.24).

Por tudo isso trago intitulado este texto com a adaptação dos versos iniciais da música *Bola de meia, Bola de Gude* (1988) de Milton Nascimento para que esses se encaixem na minha experiência. Tal música, que também não saiu da minha cabeça, a níveis de em sonho, aparecer cantarolando em uma repetição infinita os versos

---

[8] ROCHA, Sabrina. Caso Miguel: imagens inéditas mostram o que aconteceu no prédio de onde menino caiu minutos após a queda. G1 Pernambuco. Jun. 2020. Disponívelem:<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/14/caso-miguel-imagens-ineditas-mostram-o-que-aconteceu-no-predio-de-onde-menino-caiu-minutos-apos-a-queda.ghtml>..Acesso em: 18 out. 2021

[9] Oliveira, Caroline. Manifesto completo dos filhos das empregadas domésticas, pelo direito à quarentena de suas mães. **Brasil de Fato**: Uma visão popular do Brasil e do mundo. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/20/filhos-de-empregadas-domesticas-lancam-manifesto-pelo-direito-a-quarentena-das-maes>. Acesso em: 27 de abril. de 2023

originais: “Há um menino, há um moleque/Morando sempre no meu coração/ Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão”. O que tentei ignorar de início pensando ser apenas coincidência[10], mas a repetição em minha cabeça se fazia constante, juntamente com as memórias de infância, o que me fez retornar o olhar atento para a canção, com a certeza que “*Há um passado no meu presente*”.

[10] Pensava ser apenas uma coincidência do foco dado a tal música, e ao cantor nas redes sociais, uma vez que era parte turnê de despedida do cantor realizada no início de 2023. Disponível em:< https://www.aultimasessaodemusica.com/>. Acesso em: 26 de abril. de 2023.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose S.G.; NOVAES, Sylvia C. (Org.). **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 191-204.

BERNARDINO- COSTA.; **Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil**: teorias de descolonização e saberes subalternos. Brasília, 2007b. 274f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2711>.
Acesso em: 29 jun. 2021.

BRITES, Jurema Goski. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores do serviço doméstico.2000. Tese. (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das "super-vivências": as fotobiografias. In: SAMAIN, E.**Como pensam as imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012.p.91-106.

_____. **Fotobiografia.** Por uma antropologia da estética em Antropologia. 2009 Tese.(Programa de Pós-Graduação em Multimeios). Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

BONEZ, Mateus Cordenonsi. **Cotidiano e práticas de resistência** - um estudo etnográfico com trabalhadoras domésticas militantes'. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa maria, Santa Maria, 2018.

CACHADO, Rita. Diário de campo: um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia e Antropologia**, 11 (2), maio-agosto de 2021. https://www.scielo.br/j/sant/a/nXMB9xWnGZmbHNqGf6MM6Ts/?format=pdf&lang=pt

CAÑIZAL. Eduardo Peñuela. Uma foto familiar: aprisco de emoções e pensamento (Anotações delirantes sobre [a] sombrografia). In: SAMAIN, E. Como pensam as imagens. São Paulo: UNICAMP, 2012.

CARDOSO, Glaura. "O múltiplo da fotografia". In: **Catálogo do 22º forumdoc.bh** (Festival do Filme Documentário e Etnográfico Fórum de Antropologia e Cinema). Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2018. p.188-191.

CARSTEN, Janet. Introduction: Ghosts of Memory In: CARSTEN, Janet (ed.) **Ghosts of memory**: essays on remembrance and relatedness. Malden, Blackwell, 2007. p.1-36.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*:: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DAVIS, Viola. Correndo. In: DAVIS, Viola. **Em busca de mim**. 8.ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2023. p.11-20.

FRAGA, Alexandre Barbosa. **De empregada a diarista**: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado.2010. 173f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Agosto de 2010. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-100120/de-empregada-a-diarista--as-novas-configuracoes-do-trabalho-domestico-remunerado>. Acesso em: 18 nov. 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em:<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 22 fev. 2021.

KIM, Joon Ho. A fotografia como projeto da memória. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem- n.1- (1995) Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995, V.: II. p.227-249.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOFES, Suely**. Mulher, Mulheres-** identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2001.

MACHADO, Taís de Sant'Anna. **Um pé na cozinha**: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil. 2021. 305 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MONTICELLI, Thays Almeida. **Diaristas, afeto e escolhas**: Ressignificações no trabalho doméstico remunerado. 2020. 170f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2013. Disponível em:<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/31030>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PAULA, Rafaela Rodrigues de. **DA VIDA-MEMÓRIAS DE MINHA MÃE**: contranarrativas autodefinidas de trabalhadoras domésticas racializadas do Dona Sinhaninha, Oliveira-MG. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.171. 2024.

PINHEIRO, Miliane de Carvalho. **A trajetória de vida e de envelhecimento de trabalhadoras domésticas**: as teias de significados entre envelhecer, ser mulher e trabalhadora. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em:<https://www.uece.br/ppgsociologia/pesquisa/dissertacoes-teses-e-relatorios/dissertacoes/dissertacoes-2021/>. Acesso em: 4 de jun. 2023.

SARTI, C.; PIEROBON, C.; FERREIRA, L.; DAS, V.; VIANNA, A.; GAMBAROTTO, B. Antropologia, desejo e texturas da vida: uma entrevista com Veena Das. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 21–68, 2022. DOI: 10.34024/exilium.v3i5.14654. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/14654>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VIEIRA, Nanah. **O trabalho da babá**: trajetórias corporais entre o afeto, o objeto e o abjeto. 2014. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.